

ESTUDO TÉCNICO

N.º 15/2013

Os Jovens que não estudam nem trabalham  
no Brasil e o Bolsa Família

MDS

SAAGI

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL E COMBATE À FOME

SECRETARIA DE AVALIAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO

ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS, BLOCO "A", 3º ANDAR

CEP 70054-960 BRASÍLIA DF TEL. 61 2030 1501

**Estudo Técnico**

No. 15/2013

Os Jovens que não estudam nem trabalham no Brasil e o Bolsa Família

**Responsável técnico**

Armando Simões

**Revisão**

Paulo Jannuzzi

Estudos Técnicos SAGI é uma publicação da Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação (SAGI) criada para sistematizar notas técnicas, estudos exploratórios, produtos e manuais técnicos, relatórios de consultoria e reflexões analíticas produzidas na secretaria, que tratam de temas de interesse específico do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) para subsidiar, direta ou indiretamente, o ciclo de diagnóstico, formulação, monitoramento e avaliação das suas políticas, programas e ações.

O principal público a que se destinam os Estudos são os técnicos e gestores das políticas e programas do MDS na esfera federal, estadual e municipal. Nesta perspectiva, são textos técnico-científicos aplicados com escopo e dimensão adequados à sua apropriação ao Ciclo de Políticas, caracterizando-se pela objetividade, foco específico e tempestividade de sua produção.

Futuramente, podem vir a se transformar em artigos para publicação: Cadernos de Estudos, Revista Brasileira de Monitoramento e Avaliação (RBMA) ou outra revista técnica-científica, para alcançar públicos mais abrangentes.

**Palavras-chave:** *Juventude; Inatividade; Bolsa Família; Creche; Pré-Escola*

**Unidade Responsável****Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação**

Esplanada dos Ministérios | Bloco A | Sala 307

CEP: 70.054-906 Brasília | DF

Fone: 61 2030-1501 | Fax: 2030-1529

[www.mds.gov.br/sagi](http://www.mds.gov.br/sagi)**Secretário de Avaliação e Gestão da Informação**

Paulo de Martino Jannuzzi

**Secretária Adjunta**

Paula Montagner

## APRESENTAÇÃO

Em estudo anterior (ETEC nº03/2013) foi discutido o fenômeno dos jovens que não estudam nem trabalham (NEETs) no Brasil quanto a seus aspectos conceituais, o perfil desses jovens, as tendências nos anos 2000 e as principais políticas que vêm sendo adotadas em países da OCDE para enfrentar o problema. No presente estudo, dados da PNAD 2011 são utilizados para analisar alguns dos determinantes do fenômeno no Brasil e examinar se a condição de membro de família beneficiária do programa Bolsa Família (BF) está associada à uma menor probabilidade do jovem ser encontrado na condição de NEET.

### 1. CONTEXTUALIZAÇÃO

O ETEC nº03/2013 mostrou que, no Brasil, a taxa de NEETs entre jovens de 15 a 24 anos ao longo da última década manteve-se com relativa estabilidade (em torno de 13%), assumindo o País posição relativamente vantajosa no contexto da América Latina a considerar a crise financeira internacional e seus desdobramentos no campo do emprego, em particular dos jovens, na maioria dos países. A estabilidade da taxa de NEETs, a despeito do Brasil ter tecnicamente atingido uma condição próxima do pleno emprego em fins de 2012, sugere a existência de uma armadilha de inatividade que aprisiona uma fração constante de jovens naquela faixa etária. Isso indica que, no Brasil, esse fenômeno parece não ser afetado pela taxa de emprego da economia<sup>1</sup>. São cerca de 4,5 milhões de jovens que se concentram principalmente nas regiões NE e SE (70%) e vivem principalmente nas áreas urbanas não metropolitanas (55%), apresentando um claro recorte de gênero e renda, estando também associado à idade, nível educacional e maternidade.

Ainda naquele estudo verificou-se que, a partir de 2007, houve um claro aumento na proporção dos jovens de 14 a 17 anos que só estudam e redução dos que participam no mercado de trabalho. Essa tendência foi mais acentuada no grupo dos

---

<sup>1</sup> A taxa de NEET utilizada neste estudo refere-se à fração dos jovens que não estudam, nem trabalham nem buscam trabalho. Portanto, não inclui a fração dos que não estudam mas buscam trabalho.

20% mais pobres, podendo refletir efeitos da condicionalidade de educação do Bolsa Família que inclui boa parte dos jovens do 1º quintil de renda. Na medida em que o problema dos NEETs se agrava com a redução da renda familiar, programas de transferência de renda condicionada à educação poderiam contribuir para mitigar os efeitos agravadores da pobreza sobre o fenômeno. No presente estudo essa hipótese é investigada.

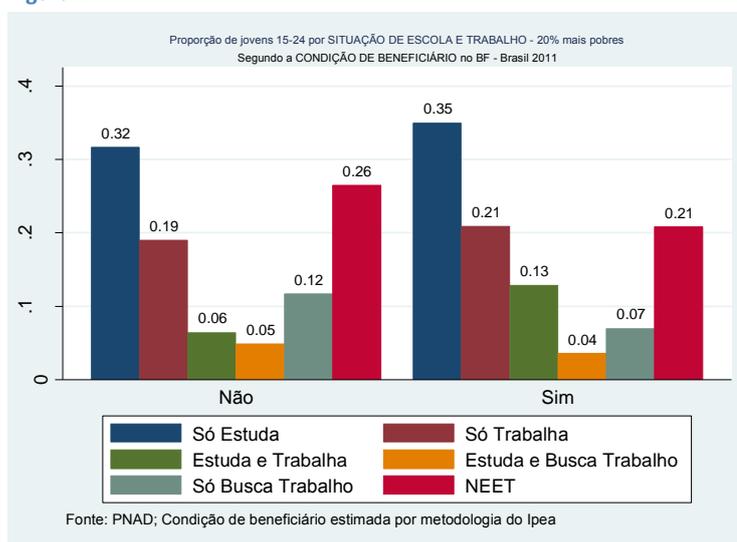
Considerando que no Brasil esse fenômeno ocorre sobretudo entre as mulheres (elas representam 70% dos NEETs), sendo metade delas mães que ocupam grande parte do seu tempo com afazeres domésticos, cabe investigar o grau de associação do fenômeno entre as mulheres com outros fatores. Por exemplo, com o acesso ao benefício do Bolsa Família nas famílias de baixa renda e com o acesso a serviços de creche e pré-escola no caso das mães. Em tese esses fatores deveriam reduzir as chances da jovem estar fora da escola e do mercado de trabalho simultaneamente. No caso das jovens pobres o benefício do BF pode atuar via condicionalidade de educação até que a jovem atinja 18 anos, aumentando as chances de ela permanecer na escola. Já a maternidade pode afetar as chances da jovem estar no grupo NEET dependendo do nível de renda da família, da idade dos filhos ou do acesso a serviços de educação que acolha as crianças durante o dia, não sendo muito claro se o benefício do BF fará diferença nesse caso.

Na seção 2 a condição de atividade dos jovens de 14 a 24 anos de idade quanto à escola e ao trabalho é comparada entre beneficiários e não beneficiários utilizando-se a PNAD 2011. Na seção 3 o efeito Bolsa Família é estimado aplicando-se modelos econométricos sobre a amostra de jovens de 14 a 24 anos da PNAD 2011, sobre o subgrupo de mulheres e sobre o subgrupo de mães na mesma faixa etária. Variações do efeito BF são analisadas segundo algumas características da população jovem. É analisado também o efeito, sobre a probabilidade NEET, da presença de filhos nas faixas etárias de 0 a 3, 4 a 6 e 7 a 14 anos, bem como do acesso à creche e pré-escola. Na seção 4 são apresentadas as conclusões e implicações dos resultados do estudo.

## 2. OS JOVENS POR CONDIÇÃO DE ATIVIDADE E O BOLSA FAMÍLIA

Tomando-se todo o grupo de jovens de 15 a 24 anos de idade entre os 20% mais pobres as diferenças entre beneficiários e não beneficiários são estatisticamente significativas para todas as categorias de análise (**Figura 1**)<sup>2</sup>. Os beneficiários estão em maior proporção entre os que só estudam, só trabalham e estudam enquanto trabalham. Já os não beneficiários são encontrados em maior proporção dentre os que estudam e buscam trabalho, só buscam trabalho e nem estudam nem trabalham (NEETs).

Figura 1



As **Figuras 2 e 3** apresentam a distribuição dos jovens de 15 a 24 anos de idade do primeiro quintil de renda quanto à situação de frequência à escola e de participação no mercado de trabalho segundo a condição *estimada* de ser membro de família beneficiária do Bolsa Família. A taxa de **NEETs** para o grupo de beneficiários é consistentemente menor para os jovens de 15 a 18 anos de idade sendo indistinguível estatisticamente acima dos 19 anos. Por outro lado, a proporção dos que **só estudam** no grupo de beneficiários não difere estatisticamente dos não beneficiários até os 20 anos e é significativamente menor a partir dos 21 anos.

<sup>2</sup> A condição de beneficiário do Bolsa Família é estimada seguindo a metodologia desenvolvida pelo IPEA para aplicação sobre os dados da PNAD (Texto para Discussão Nº 1654/Ipea)

Figura 3

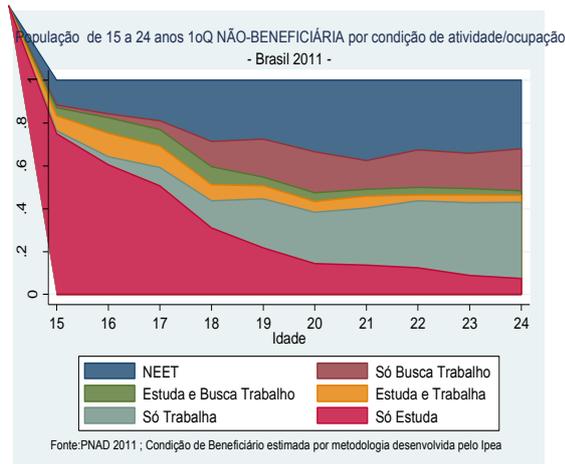
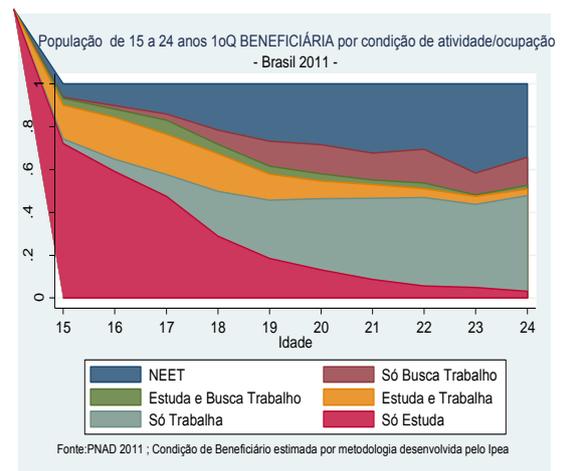


Figura 2



A proporção de jovens de 15 a 17 anos das famílias beneficiárias que **só trabalham** não difere estatisticamente dos não beneficiários, mas é maior a partir de 18 anos. Quanto aos que **estudam e trabalham** os beneficiários aparecem em maior proporção que os não beneficiários até os 20 anos, sendo suas proporções indistinguíveis a partir dos 21 anos. Os jovens que **buscam trabalho** (desempregados) e não estudam tem a mesma proporção para os dois grupos na faixa entre 15 e 17 anos, diferindo a partir dos 18 anos, quando os não beneficiários apresentam em geral uma proporção significativamente maior. Finalmente, os jovens que **estudam e buscam trabalho** aparecem em menor proporção entre os beneficiários para todas as idades, mas, em geral, sem significância estatística quando comparados aos não beneficiários.

A preponderância de beneficiários ou não beneficiários nas diversas categorias analisadas entre jovens do primeiro quintil de renda é identificada na **Tabela 1**. Os não beneficiários predominam entre os NEETs na faixa etária de 15 a 18 anos e também entre os desempregados que não estudam a partir de 18 anos. Por outro lado, também aparecem em maior proporção que os beneficiários na categoria dos que só estudam a partir de 21 anos. Já os beneficiários aparecem em maior proporção que os não beneficiários entre os que conciliam escola e trabalho entre 15 e 20 anos, bem como entre os que só trabalham a partir de 18 anos. O que se pode ver a partir desse quadro é que beneficiários estão mais representados entre os que trabalham enquanto os não beneficiários estão mais representados entre os que se encontram fora do mercado de trabalho e da escola.

Tabela 1: Preponderância de beneficiários e não beneficiários nas categorias de análise quanto à participação na escola e no mercado de trabalho por idade (“-“ diferença não significativa) – 1º Quintil de Renda.

Idades	Só estuda	Estuda e busca trabalho	Estuda e trabalha	Só trabalha	Só busca trabalho	NEET
15-17	-	-	BF	-	-	Não BF
18	-	-	BF	BF	Não BF	Não BF
20	-	-	BF	BF	Não BF	-
21-24	Não BF	-	-	BF	Não BF	-

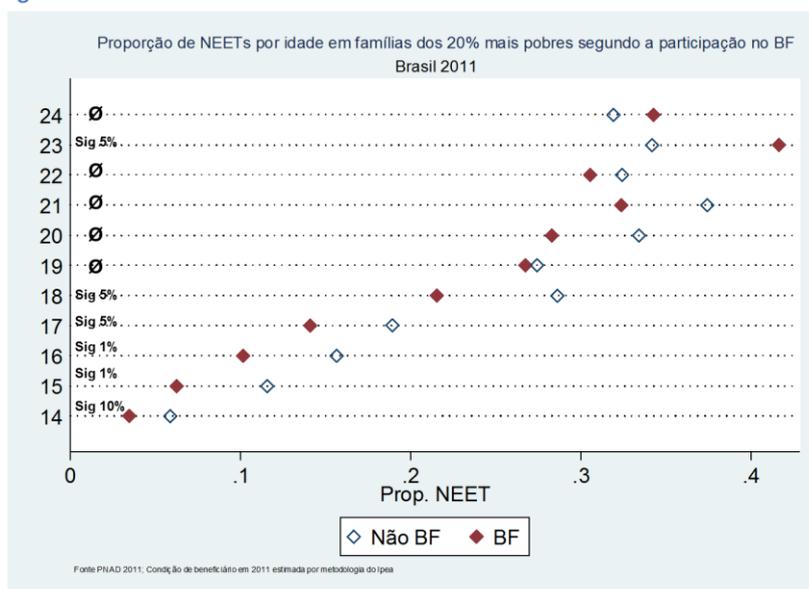
Estudam

Trabalham

Não trabalham e não estudam

Comparando-se agora os jovens de 14 a 24 anos na condição de NEET em 2011 (**Figura 4**) observa-se que entre os 20% mais pobres aqueles jovens pertencentes a famílias beneficiárias do BF em geral tem menor probabilidade de estar na condição de NEET. As diferenças são significativas entre 14 e 18 anos de idade, período no qual as condicionalidades do Bolsa Família poderiam influir na decisão de não abandonar a escola. A partir dos 19 anos, não parece existir diferenças na probabilidade NEET entre beneficiários e não beneficiários.

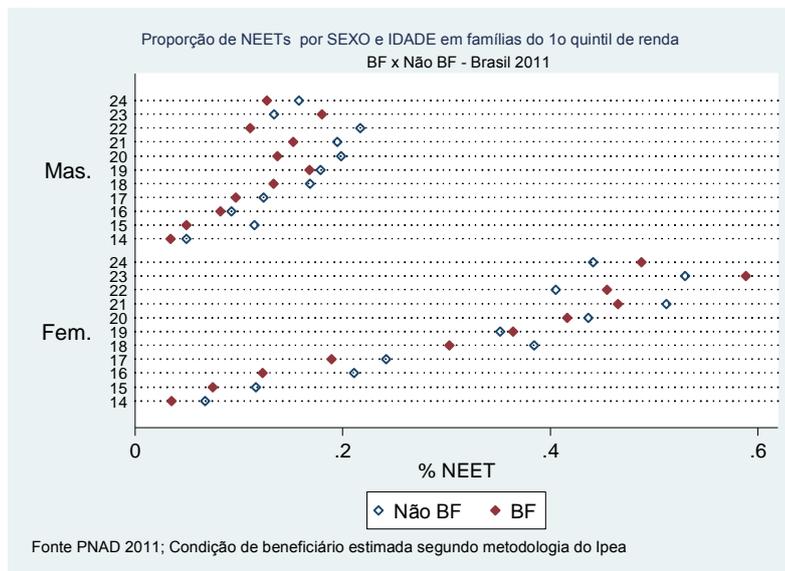
Figura 4



A análise por gênero (**Figura 5**) permite verificar a diferença no padrão de dispersão da taxa NEET entre homens e mulheres ao longo das várias idades. A partir

dos 17 anos a probabilidade das mulheres se encontrarem na condição de NEET aumenta significativamente em relação aos homens, sendo que até os 18 anos as beneficiárias apresentam uma taxa estatisticamente menor que as não beneficiárias. A partir dos 19 anos as diferenças não são mais significativas.

Figura 5



### 3. USANDO O MODELO “PROBIT” PARA ESTIMAR O EFEITO DO BOLSA FAMÍLIA NA PROPENSÃO DOS JOVENS ESTAREM NA CONDIÇÃO DE NEET

A condição de NEET como função de uma variável de interesse (por exemplo, ser beneficiário do BF) pode ser estimada por meio de um modelo econométrico do tipo “probit”, onde a variável NEET (variável dependente) é uma variável binária que assume os valores 0 ou 1 (representando respectivamente os estados “ser NEET” e “não ser NEET”) e as variáveis independentes representam o conjunto de fatores hipoteticamente associados à condição de NEET, incluindo a variável de interesse. O modelo “probit” irá relacionar a probabilidade de o indivíduo encontrar-se na condição de NEET com a variável de interesse (ser beneficiário do BF, por exemplo) e demais variáveis de ajuste do modelo (controles), representadas pelo vetor  $\mathbf{X}_i$ , por meio da função de distribuição acumulada  $\Phi (\cdot)$ .

$$\Pr(\text{NEET}_i=1 | \mathbf{X}_i)=\Phi (\mathbf{X}_i'\boldsymbol{\beta})$$

Três subamostras com base na amostra da PNAD 2011 são analisadas: os jovens de 14 a 24 anos, as mulheres de 14 a 24 anos e, por fim, as mulheres de 14 a 24 anos que são mães. As variáveis que entram nos modelos para cada subamostra estão descritas a seguir.

**1) População de Jovens de 14 a 24 anos:**

1º modelo)  $X_i = \{BF, idade, fem, negro, renda, anos de estudo, região\}$

**2) Mulheres de 14 a 24 anos:**

2º modelo)  $X_i = \{BF, idade, negro, renda, nível educacional, região, casada, mãe\}$

3º modelo)  $X_i = \{BF, idade, negro, renda, nível educacional, região, casada, filhos 0-3, filhos 4-6, filhos 7-14\}$

**3) Mães de 14 a 24 anos:**

4º modelo)  $X_i = \{BF, idade, negro, renda, nível educacional, região, casada, acesso_creche, acesso_pre-escola\}$

**3.1) População de Jovens de 14 a 24 anos**

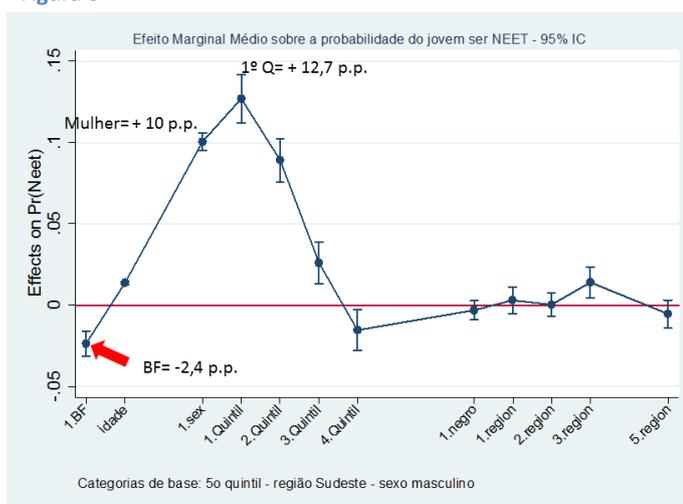
Para o conjunto dos jovens de 14 a 24 anos o modelo “probit” estima um efeito médio<sup>3</sup> de *redução* de 2,4 p.p. na probabilidade dos jovens cujas famílias participam do Bolsa Família serem encontrados na condição de NEET (**Figura 6**). Por outro lado, as mulheres apresentam uma probabilidade substancialmente maior (10 p.p.) de serem encontradas na condição de NEET do que os homens. Esse fato pode ser explicado (como veremos mais adiante) pela forte influência que o casamento e a maternidade têm sobre o fenômeno no Brasil. A idade também influencia. A cada ano a mais na idade o jovem aumenta a probabilidade de inatividade em 1,4 p.p. na faixa etária analisada. A faixa de renda da família é outro fator que afeta significativamente a probabilidade de inatividade entre os jovens. Os jovens do 1º quintil de renda familiar per capita têm uma probabilidade 12,7 p.p. maior que os jovens do 5º quintil de renda,

---

<sup>3</sup> Chamaremos a diferença na probabilidade relacionada à condição de beneficiário do BF de “efeito BF”, o que não deve ser confundido com “efeito causal” do programa.

controlando-se aqui os anos de escolaridade<sup>4</sup> e demais fatores apresentados na Figura 6. Curiosamente os jovens do 4º quintil de renda tem uma probabilidade menor que os jovens do 5º quintil (cerca de 1,5 p.p.) de serem inativos. Não parece haver influência da região geográfica nas chances do jovem ser NEET. Apenas a região Centro-Oeste aparece com uma probabilidade 1,4 p.p. maior quando comparada com a região Sudeste. O mesmo ocorre para a cor. Uma vez controlado fatores como gênero e renda ser negro não aumenta as chances do jovem estar inativo.

Figura 6



### 3.1.1) O efeito do Bolsa Família na probabilidade NEET e suas variações na população de 14 a 24 anos de idade

O efeito BF na redução da probabilidade do jovem ser NEET é para os homens, em média, 1,4 p.p. maior do que para as mulheres. Mas essa diferença depende da idade como se pode observar na **Figura 7**. Para as idades de 14 e 15 anos o efeito para as mulheres é de fato maior, alcançando 5,4 p.p. para as meninas de 14 anos contra 3,7 p.p. para os meninos. O efeito BF é indistinto entre homens e mulheres na faixa de 16 a 18 anos e, após os 19 anos, o efeito é maior para os homens (**Figura 8**). O efeito positivo se anula para os homens a partir de 24 anos e para as mulheres a partir de 21 anos. Isso sugere que as mulheres estariam expostas a causas de exclusão da escola e do mercado de trabalho após essa idade sem que a participação da família no BF tivesse nenhuma associação com a redução nessa probabilidade. A explicação nesse

<sup>4</sup> Os anos de escolaridade diminuem significativamente a probabilidade dos jovens se encontrarem na condição de NEET (não apresentado no gráfico).

caso pode vir do casamento e da gravidez que são fatores que passam a influir na decisão da jovem de trabalhar e de frequentar a escola como veremos mais adiante.

Figura 7

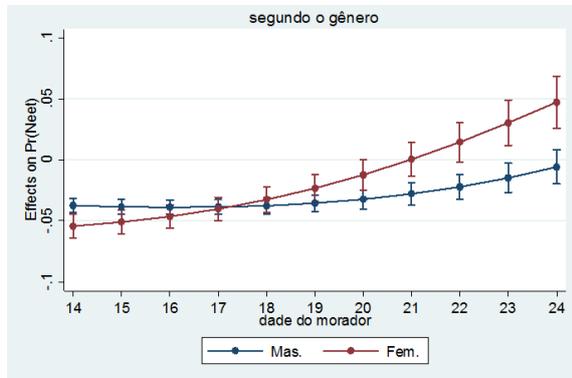
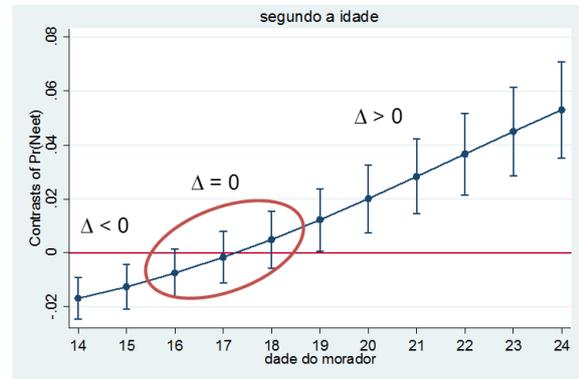


Figura 8



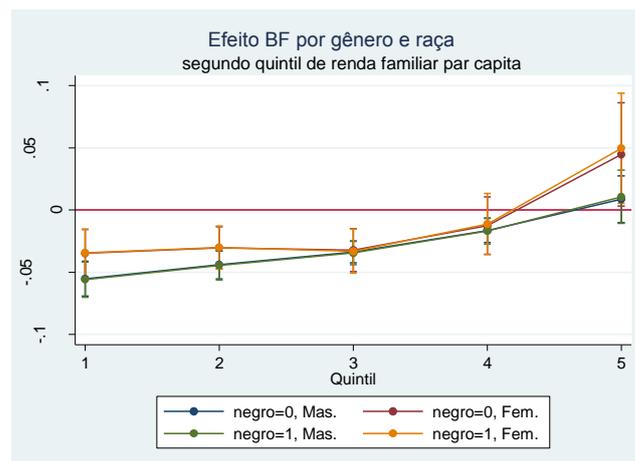
O efeito BF também parece ser distinto por gênero e cor quando combinados. O efeito é maior para os jovens e as jovens negras em média quando comparados aos seus pares brancos, sendo que para as mulheres brancas o efeito não é estatisticamente significativo ( Tabela 2). No entanto, ao avaliar o efeito por grupos de renda a diferença do efeito BF por cor desaparece, conforme ilustra a Figura 9. Ou seja, o fato do efeito BF aparecer maior para jovens negros estaria associado a sua maior concentração nos quintis de renda mais baixos onde esses efeitos são maiores. Observa-se também que tais efeitos são significativos e indistinguíveis entre si nos primeiros três quintis de renda, sendo nulos nos dois últimos quintis. Ou seja, ainda que benefícios fossem pagos aos jovens das famílias que ocupam os dois últimos quintis de renda em nada mudaria a probabilidade desses jovens serem NEETs. Como a renda é uma variável fortemente associado à condição de NEET no Brasil, efeitos distributivos de renda teoricamente ajudariam a mitigar parte do problema nas camadas mais pobres, mas não teria efeito nos grupos sociais onde a condição de NEET é determinada por outros fatores.

Tabela 2: Efeito BF na probabilidade do jovem ser NEET por gênero e cor

	Homens	Mulheres
Brancos	- 2,3 p.p. *	- 1,0 p.p.
Negros	- 3,6 p.p. *	- 2,3 p.p. *

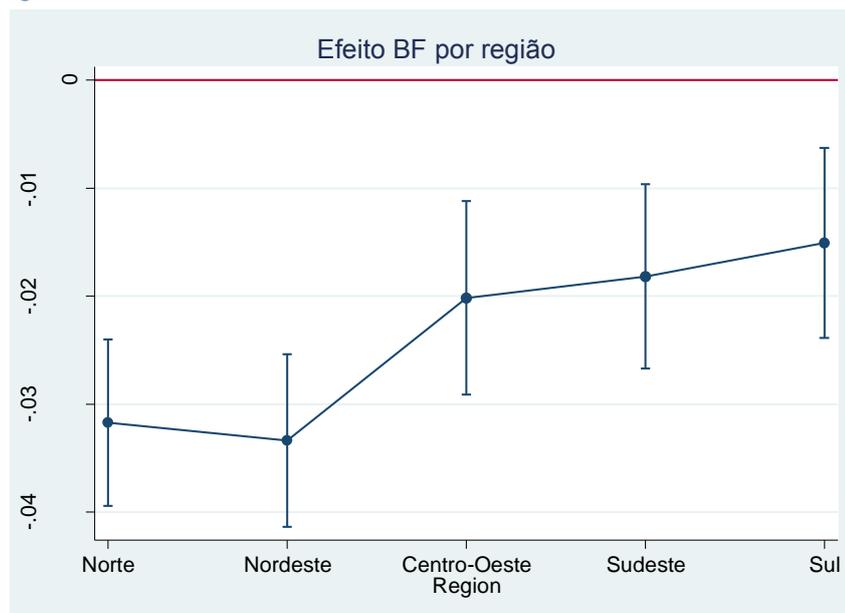
\* Estatisticamente significativo ( $p < 0,1\%$ )

Figura 9



O efeito BF na probabilidade do jovem ser NEET também se distingue por região. As regiões Norte e Nordeste apresentam um efeito maior (acima de 3 p.p.), enquanto nas demais regiões o efeito é significativo em torno de 2 p.p. (Figura 10).

Figura 10



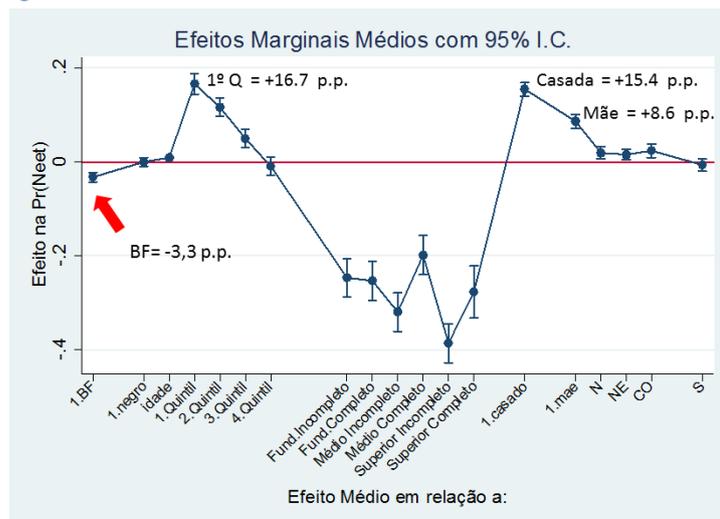
### 3.2) Subpopulação de Mulheres de 14 a 24 anos

Passamos agora a analisar alguns dos fatores que contribuem para a probabilidade da mulher se encontrar na situação de NEET visto que elas representam 70% da população jovem nessa condição. Dois modelos são estimados. No primeiro, além do efeito BF procuramos avaliar também o efeito que o casamento (entendido aqui como coabitação) e a maternidade teriam sobre a probabilidade de ser NEET. No segundo a maternidade é desmembrada por faixa etária dos filhos (0-3, 4-6 e 6-14 anos) de modo a permitir identificar diferentes efeitos da maternidade na probabilidade da jovem ser NEET segundo a idade dos filhos.

O efeito BF na subpopulação de mulheres é, em média, de redução de 3,3 p.p. na probabilidade da jovem ser NEET (**Figura 11**). A relevância da renda familiar para o agravamento do fenômeno entre as mulheres também é grande, tendo as jovens do primeiro quintil de renda uma probabilidade 16,7 p.p. maior de estarem fora da escola e do mercado de trabalho do que as jovens do 5º quintil de renda. O grau de escolarização atingido pela jovem também aparece fortemente associado com as chances da jovem estar na condição de NEET. Quando comparados com a situação de “sem instrução” todos os níveis de escolarização apresentam associação superior a 20 p.p. de redução na probabilidade NEET. Observa-se aqui um fato curioso. O efeito redutor do nível médio completo é inferior ao efeito dos níveis inferiores de escolarização, bem como o superior completo tem efeito redutor menor que o superior incompleto. Isso pode refletir o fato de que algumas jovens, ao concluírem aqueles níveis de ensino em caráter terminal, não estarão mais na escola e possam, ainda, se encontrar fora do mercado de trabalho.

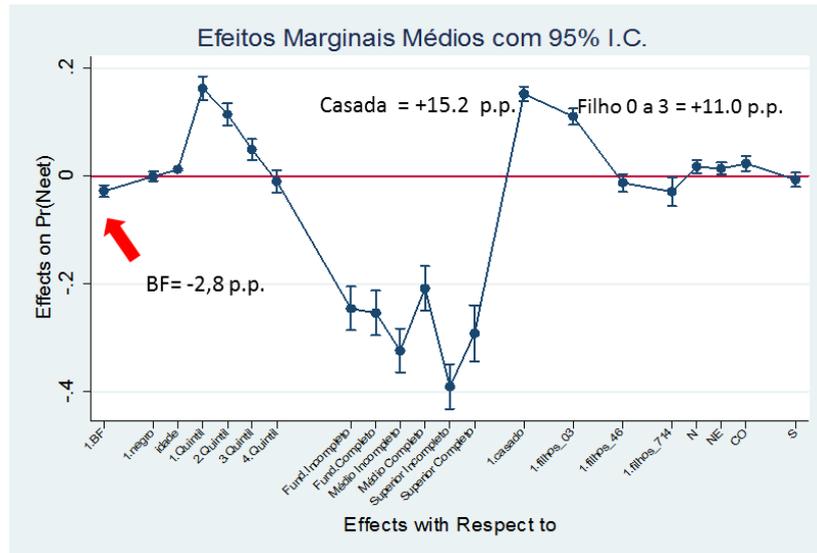
O casamento tem efeito médio também significativo, aumentando em 15,4 p.p. a probabilidade da jovem NEET. Esse efeito é independente do efeito da jovem ser mãe, que aumenta em 8,6 p.p. a chance da jovem NEET. Esses efeitos são não só independentes entre si, mas também em relação aos demais fatores que são descritos na Figura 11. Finalmente, a região geográfica parece influir pouco nas chances da jovem ser NEET uma vez que os demais fatores são considerados no modelo. As regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste apresentam uma diferença positiva pequena na probabilidade NEET comparadas à região SE (a diferença é nula para a região Sul).

Figura 11



Substituindo-se a variável “mãe” no modelo por três variáveis dummy que identificam se a jovem tem filhos nas faixas etárias de 0 a 3, 4 a 6 ou 7 a 14 anos observamos que a maternidade tem efeito positivo sobre a probabilidade da jovem estar na condição de NEET apenas no caso de filhos entre 0 e 3 anos de idade (**Figura 12**). Nesse caso as chances da jovem estar como NEET aumentam em 11 p.p. em relação a jovem que não tem filhos nessa faixa etária (independente de ter filhos em outra faixa etária). Observa-se também que as jovens com filhos de 7 a 14 anos tem sua probabilidade NEET reduzida em 2,9 pontos percentuais. Já filhos de 4 a 6 não parecem influenciar. Esses resultados sugerem que a jovem tende a deixar a escola e o mercado de trabalho na fase inicial da maternidade, quando os filhos são menores. Para esta faixa etária de 0 a 3 anos, a cobertura de creche no Brasil é pequena (21%), o que explicaria em parte o efeito na probabilidade NEET. Já na faixa etária de 4 a 6 anos, a oferta de educação infantil alcança um patamar de cobertura bem mais elevado (78%), possibilitando que a jovem ingresse no mercado de trabalho ou retorne aos bancos escolares. No caso das mães com filhos de 7 a 14 anos o efeito é inverso, reduzindo a probabilidade NEET entre as mães. Nesse caso não só a cobertura escolar é muito elevada mas a idade da criança facilita que a mãe se ausente para trabalhar e/ou estudar.

Figura 12

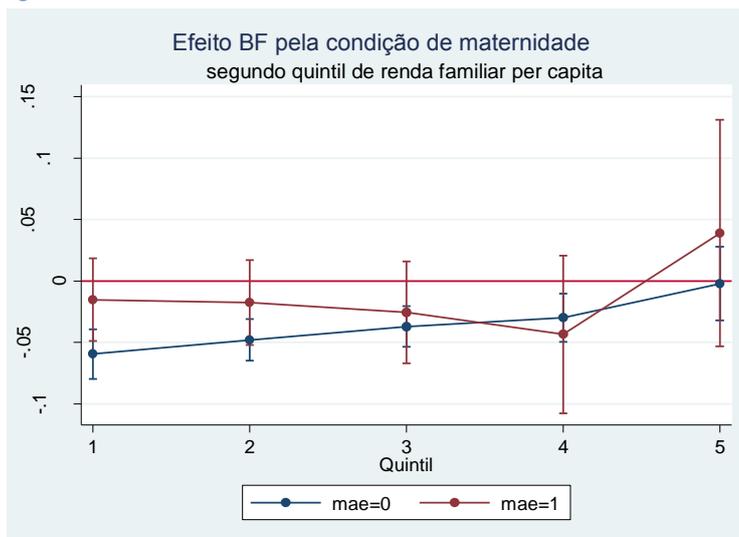


3.2.1) O efeito Bolsa Família na probabilidade NEET e suas variações na população de mulheres de 14 a 24 anos de idade.

Uma variação do efeito BF diz respeito à condição de maternidade da jovem. O efeito BF é da ordem de -3,6 p.p. sobre a probabilidade da jovem sem filhos estar fora da escola e do mercado de trabalho e é não significativo para as jovens mães. A **Figura 13** mostra que o efeito BF é não significativo para as jovens mães de 14 a 24 anos em quaisquer dos quintis de renda. O efeito BF para as jovens que ainda não tiveram filhos é significativo até o 4º quintil de renda, sendo maior para os quintis de renda mais baixos. Esse resultado sugere que o Bolsa Família tem sua contribuição para a redução da probabilidade NEET neutralizada no caso da jovem ser mãe. O mesmo ocorre quando a jovem é casada. A tendência nesse caso é muito semelhante a descrita na Figura 13<sup>5</sup>.

<sup>5</sup> Analisamos também o efeito BF por região no caso das jovens verificando uma tendência muito semelhante a da população de jovens de 14 a 24 como descrita em seção anterior.

Figura 13



### 3.3) Subpopulação de Mães de 14 a 24 anos

Nesta seção restringimos a amostra da PNAD apenas para as mães na faixa etária de 14 a 24 anos e investigamos efeitos sobre a probabilidade da jovem mãe ser NEET segundo a presença de filhos nas faixas etárias 0-3, 4-6 e nas duas simultaneamente. Além da participação no BF, nos interessa observar principalmente efeitos que o acesso à creche (no caso de mães com crianças de 0 a 3) e o acesso à pré-escola (no caso de mães com crianças de 4 a 6) teriam na probabilidade da jovem estar fora da escola e do mercado de trabalho. A **Tabela 3** reporta os efeitos marginais médios das variáveis de interesse sobre a probabilidade NEET.

No grupo de mães apenas com filhos de 0 a 3 anos de idade, a mãe com acesso à creche tem, em média, uma probabilidade 19,5 p.p. menor de estar na condição de NEET do que a mãe que não tem sua(s) criança(s) na creche. Esse efeito independe do quintil de renda, idade, nível educacional, região ou se a jovem é casada, negra ou participante do Bolsa Família. Para esse grupo a participação no Bolsa Família não afeta a probabilidade NEET. Pode-se entender que as mães muito jovens com crianças naquela faixa etária tenderiam a conciliar menos a maternidade com escola e/ou trabalho na ausência de serviços de creche e que mesmo o acesso ao benefício do Bolsa Família não compensa a ausência do serviço de cuidado à criança.

Para o grupo de mães apenas com filhos de 4 a 6 anos de idade substituímos a variável *acesso à creche* pela variável *acesso à pré-escola*, mantendo as demais como no modelo anterior. O acesso à pré-escola aparece associado com uma redução de 8,5 p.p. na probabilidade da jovem estar no grupo NEET. Para esse grupo a participação no BF aparece associada a uma redução de 2,8 p.p. na probabilidade NEET, porém não significativa.

Finalmente, tomando-se o grupo de mães com filhos nas duas faixas etárias o efeito estimado do acesso à creche sobre a redução da probabilidade NEET é de 25,7 p.p, enquanto o acesso à pré-escola não parece influenciar mais. É fácil entender porque isso ocorre. Nesse grupo as mães têm filhos nas duas faixas etárias. Embora 73% delas tenham acesso à pré-escola, dessas, 82% não tem acesso à creche. Ou seja, essas mães em grande parte estão apenas parcialmente assistidas por serviços que a liberem para o retorno à escola ou ao mercado de trabalho. Portanto, o acesso à pré-escola nesse caso não contribui para reduzir a probabilidade NEET, pois as crianças menores ainda dependem integralmente dos cuidados da mãe. A participação no BF aparece também associada à redução da probabilidade NEET com um efeito estimado de 8,6 p.p.

Observa-se que para os três grupos de mães a renda familiar tem forte influência para os grupos do primeiro quintil em relação ao quinto quintil. Também o casamento aumenta muito as chances da jovem estar simultaneamente ausente da escola e do mercado de trabalho. A idade da jovem mãe parece não afetar a probabilidade NEET bem como a região onde reside (com exceção do CO para mães com filhos de 0 a 3). Já as jovens negras aparecem associadas com menor probabilidade NEET quando têm filhos nas duas faixas etárias, uma vez controlados os demais fatores do modelo.

**Tabela 3: Efeito Marginal Médio sobre a Probabilidade NEET segundo a presença de filhos em idade de frequentar a creche ou a pré-escola.**

	Modelo(1)	Modelo(2)	Modelo(3)
	Só Filhos 0 a 3	Só Filhos 4 a 6	Filhos 0-3 e 4-6
	dy/dx	dy/dx	dy/dx
<b>Bolsa Família</b>	-0.013	-0.028	-0.086**
Negro	0.007	0.047	-0.086**
Idade	-0.004	-0.002	0.021*
Quintil			
1	0.271***	0.212***	0.389***
2	0.216***	0.163***	0.204
3	0.070*	0.062	0.092
4	-0,011	-0.058	0.129
Casada	0.200***	0.181***	0.084*
<b>Acesso à Creche</b>	<b>-0.195***</b>	-	-0.257***
<b>Acesso à Pré-Escola</b>	-	<b>-0.085***</b>	-0.027
Região			
Norte	-0.025	0.047	-0.011
Nordeste	-0.002	-0.016	0.032
Centro-Oeste	0.060**	-0.058	0.016
Sul	-0.003	-0.005	-0.031
<b>Controle: Nível educacional</b>			
N	4186	1130	795

(\* ) P < 0.10; (\*\*) P < 0.05; (\*\*\*) P < 0.01

Esses resultados indicam que a oferta de serviços públicos como a creche e a pré-escola são promissores para a redução do fenômeno dos NEET no grupo das jovens mães, possuindo efeitos independentes da transferência de renda. A transferência de renda *per se* não seria suficiente para contornar os efeitos que a maternidade traz para a inserção da jovem no mercado de trabalho ou para a sua permanência na escola, mesmo considerando o segmento mais pobre (20% mais pobres)<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> O modelo estimado apenas para as mães do primeiro quintil não mostra efeito BF sobre a probabilidade NEET quando há presença de crianças de 0 a 3 anos na família.

## 4. CONCLUSÕES

A análise comparativa de jovens de 15 a 24 anos entre famílias beneficiárias e não beneficiárias por situação de frequência à escola e de inserção no mercado de trabalho mostrou diferenças significativas entre os grupos. Os beneficiários estão mais representados entre os que só estudam, só trabalham e estudam e trabalham, enquanto os não beneficiários estão mais representados entre os que estudam e buscam trabalho, só buscam trabalho e se encontram fora do mercado de trabalho e da escola (NEET). A condição de NEET é menos provável entre jovens de 14 a 18 anos quando esses pertencem a famílias beneficiárias do Bolsa Família. Contudo, para as mulheres, a partir dos 17 anos a probabilidade NEET aumenta significativamente em relação aos homens. Mesmo assim, as jovens pertencentes às famílias beneficiárias do BF apresentam uma taxa NEET menor que as não beneficiárias até os 18 anos de idade.

A análise econométrica mostrou que o BF teria um efeito médio de redução na probabilidade NEET de 2,4 pontos percentuais (p.p.). Além disso, as mulheres apresentam uma probabilidade 10 p.p. maior que os homens de estarem simultaneamente fora da escola e do mercado de trabalho. Outros fatores como a idade e a renda familiar per capita aparecem associados a maior probabilidade NEET. A cor não representa diferença na probabilidade NEET, uma vez que fatores como gênero e renda são levados em conta no modelo.

A análise das variações do efeito BF na probabilidade NEET verificou que o efeito para os homens é em geral maior do que para as mulheres (1,4 p.p.), mas a diferença depende da idade do jovem. O efeito é maior para as jovens entre 14 e 15 anos, é igual entre 16 e 18 anos e torna-se menor a partir dos 19 anos em relação aos jovens. Não há diferença no efeito BF entre jovens negros e não negros uma vez que os fatores gênero e renda familiar são considerados. O efeito BF também está limitado aos quintis de renda mais baixos, sugerindo que, ainda que se pagassem benefícios aos jovens dos quintis de renda mais altos, isso em nada afetaria a probabilidade NEET desses jovens. O efeito também é maior nas regiões Norte e Nordeste embora seja significativo para os jovens de todas as regiões.

Quando analisado em separado o subgrupo das jovens de 14 a 24 anos verifica-se que o casamento e a maternidade afetam a probabilidade NEET de forma significativa, independente da condição de renda, escolaridade, cor, idade ou região. O casamento aumenta em 15 p.p. a probabilidade da jovem estar fora da escola e do mercado de trabalho. Já a maternidade aumenta em cerca de 9 p.p. essa probabilidade, independente do casamento. A renda afeta a probabilidade NEET para as jovens ainda mais do que para os jovens, 17 p.p. a mais entre o primeiro e o quinto quintil de renda (para os jovens esse efeito da renda é de 7 p.p.). O nível de instrução também contribui decisivamente para as chances da jovem ser NEET. Para as jovens o efeito BF também é significativo implicando uma redução de cerca de 3 p.p. na probabilidade NEET. Porém, ao se considerar o subgrupo das mães, o efeito BF desaparece. Já para as jovens que não são mães o BF reduz em 3,6 p.p. a probabilidade NEET, sendo este efeito maior quanto menor o nível de renda da família. O efeito nulo do BF para as mães independe do quintil de renda que se considere. Desse modo, ao que tudo indica, o BF teria sua contribuição para a redução da taxa NEET anulada quando a jovem se torna mãe (ou se casa).

Verificou-se, também, que o efeito da maternidade sobre a probabilidade NEET depende da idade dos filhos. Ter filhos entre 0 e 3 anos de idade aumenta em 11 p.p. a probabilidade NEET independente da jovem ter filhos em outras faixas de idade. Já filhos nas demais faixas não parecem afetar de modo significativo as chances de a jovem ser NEET. Os efeitos da maternidade dependem fortemente do acesso à educação infantil. Caso a jovem com filhos de 0 a 3 anos tenha acesso à creche as chances dela cair na condição de NEET se reduzem em média 20 p.p. em relação a jovem que não tem acesso à creche. O efeito creche é ainda maior para as mães que têm além de crianças de 0 a 3, também filhos de 4 a 6 anos. Nesse caso, o efeito estimado de redução na probabilidade NEET é de 26 p.p.. Para o grupo de mães com crianças de 0 a 3 anos o efeito BF é estatisticamente nulo mostrando que o programa não compensa a ausência do serviço de creche quando está em jogo a inserção da mãe no mercado de trabalho ou na escola. De forma semelhante, o acesso à pré-escola para as crianças de 4 a 6 anos reduz as chances das mães estarem na condição de NEET em cerca de 9 p.p., também sem que haja influência da participação no BF sobre a probabilidade NEET.

Esses resultados sugerem que uma importante política complementar às transferências de renda é a oferta de serviços de educação infantil. O efeito desses serviços em reduzir as chances de exclusão da mulher da escola e do mercado de trabalho, de um lado, contribuiria para o aumento do capital humano (maior permanência na escola das jovens), de outro, contribuiria para a geração de renda na família. Se as jovens já possuem, em média, maior escolaridade que os jovens (mesmo nos quintis de renda mais baixos) há uma perda de oportunidade de ganhos de renda na família quando ela se ausenta do mercado de trabalho por não ter com quem deixar os seus filhos. O aumento da renda familiar via inclusão produtiva da mulher pode favorecer a redução da necessidade de transferências de renda, mas depende da oferta de serviços de atenção à criança na forma de acesso à creche e à pré-escola. Esse acesso, por sua vez, favorece o desenvolvimento infantil e a preparação para a etapa escolar, principalmente nas faixas de renda mais baixas, onde as dificuldades da família em oferecer um ambiente estimulante aos pequenos são maiores. A oferta de creches e pré-escolas associada à transferência condicionada de renda parece ser uma combinação ótima no sentido da interrupção definitiva do ciclo de reprodução intergeracional da pobreza. Pode representar, ainda, uma possível porta de saída para muitas famílias com crianças participantes do programa Bolsa Família.

## **5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

SIMÕES, Armando A., SANTOS, Mariana F. P. e VAZ, Alexander C. **Os Jovens que não estudam nem trabalham no Brasil: discussão conceitual, caracterização e evolução de 2001 a 2011.** ETEC 03/2013 – disponível em [www.mds.gov.br/sagi](http://www.mds.gov.br/sagi) - Acesso em 15/07/2013